

Narrativas orais, fontes para investigação histórica: culturas, memórias e patrimônios da cidade

Célia Rocha Calvo*

Resumo

Esta comunicação tem como objetivo apresentar reflexões obtidas em pesquisas históricas com narrativas orais, desenvolvidas nos projetos sobre Cultura e Cidade vinculados ao Núcleo de Pesquisa e Estudos em História, Cidade e Trabalho – INHIS - UFU. Neste projeto refletimos sobre a produção de narrativas orais, enquanto fontes para a interpretação histórica sobre as mudanças da vida social. Nesse sentido temos compreendido que as narrativas orais traduzem-se enquanto atos de narrar, interpretar o tempo presente-passado, cujos sentidos e significados são constituídos na relação entre o pesquisador e o entrevistado, e na maneira como compartilham um diálogo e, por meio dele, de modos específicos, inscrevem-se no fazer-se das histórias e das muitas memórias. Refletir como os narradores tornam-se sujeitos das histórias por meio destes atos de narrar, lembrar de construir memórias, que inscrevem na cidade os registros de suas presenças e de seus territórios.

Palavras-Chave: História, culturas, memórias, cidade.

Abstract:

This communication has the objective to show some reflections obtained in historical research with oral narratives, developed in the projects about Culture and City linking of the "Núcleo de Pesquisa e Estudos em História, Cidade e Trabalho – INHIS - UFU. In this project we discuss about the production of oral narratives, when fountains for the historical interpretation on the changes of the social life. In this sense we have been understanding what the oral narratives translate while acts of narrating, interpreting the past-present time, which senses and meanings are constituted in the relation between the investigator and the interviewed, and in the way as they share a dialog and, through it, in specific ways, they register themselves making the histories and many memories. To reflect as the narrators become subjects of the histories through these acts of - to narrate, to remember of building memories, that inscribe in the city the registers of his presences and of his territories.

Keywords: History, cultures, memories, city.

Em primeiro lugar é preciso dizer que a participação neste Grupo de Trabalho – Anpuh - representa a continuidade de um diálogo profícuo feito em parceria com pesquisadores filiados ao Núcleo de Pesquisa e Estudos em História, Cidade e Trabalho da Universidade Federal de Uberlândia e com professores do Núcleo de Estudos Culturais da PUC-SP.

* Professora do Instituto de História e coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Estudos em História, Cidade e Trabalho. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. MG.

O suposto que alimenta esse diálogo vai ao sentido de firmar que trabalhar com a História e, mais ainda com a formação de historiadores - pesquisadores e professores – significa construir um diálogo sobre a necessidade de sua valorização em todos os lugares e dimensões da vida social e não apenas nos circuitos da vida acadêmica e ou institucional. Como historiadores estamos sempre falando/pensando de um lugar social e esse lugar diz respeito ao modo como atuamos enquanto agentes e cidadãos no tempo presente.

“Se concordamos que a ‘História é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de agoras’ como disse Benjamim, precisamos fundar um conceito sobre esse presente e este agora, pois é com ele que vamos preencher o tempo histórico, sempre assumindo o campo imenso de possibilidades que ele representa para os “fazedores da História” em todos os níveis e concepções...” (Fenelon, 1992:06)

Nesse horizonte fundar uma concepção sobre esse tempo presente implica em firmar que a História é terreno comum de muitos e diferentes sujeitos e que esta diversidade apresenta-se como dimensão necessária para a compreensão crítica da realidade social. Isto para:

“... não perpetuarmos visões de um passado mitificado, com acontecimentos cristalizados, com periodizações que pouco tem a ver com as perspectivas que queremos desvendar, há que se definir uma concepção de presente, que nos permita atribuir significado ao passado, e mais, que nos oriente em direção ao futuro que queremos construir, ou estaríamos traduzindo em conservadorismo social o culto pelo passado e transformando a memória em instrumento de prisão e não de libertação como deve ser” (Fenelon, 1992:07)

Assim, mantendo esta preocupação central estamos dizendo que a valorização da História no Social, implica a compreensão de que as problemáticas investigadas são gestadas no movimento histórico da sociedade, nos processos sociais de luta, em diferentes temporalidades, nos quais os sentidos e significados são forjados no modo como os diferentes agentes criam suas estratégias de sobrevivência, de organização e de enfrentamento cotidiano diante das práticas de dominação/subordinação e, também, de “rebeldias/insubordinação”.

Compreender estas práticas e experiências sociais como o fazer histórico de muitos e diferentes agentes implica um meio de investigar as alternativas concretas e de construir um “olhar político” buscando as dissidências ou as fissuras no interior do processo social. Essa tem sido uma maneira de estabelecer contrapontos e, simultaneamente, colocar em foco fissuras diante desse “novo tempo” de globalização, no qual os sentidos e significados das lutas políticas, as tensões sociais, o acirramento das desigualdades sociais sofrem a intervenção de circuitos cada vez mais refinados e vinculados aos mercados globalizados.

Um olhar político atenta nas figuras do novo (no sentido emergente, usando um termo de Raymond Williams), prepara-se para disputar a hegemonia das grandes linhas culturais, para questionar a legitimidade de sua imposição, embora talvez nunca chegue a completar essa batalha simbólica. Tal atenção para o novo está vinculada a essa tradição do século XX em que o questionamento dos costumes estéticos pode levar a pactos culturais situados nas laterais, nas margens, no subsolo ou nos limites dos pactos legitimados. A força do mercado... tende a propor pactos que padronizam o gosto, porque a prova de viabilidade de uma estética é o sucesso. O olhar político se fixaria justamente nos discursos, nas práticas, nos atores, nos acontecimentos que firmam o direito de intervir na unificação, ostentando, diante dela, o escândalo de outras perspectivas. (Sarlo, 1997:60)

Nesse sentido temos procurado investigar problemáticas atentando para as alternativas construídas no horizonte das culturas de trabalhadores, isto é, no fazer-se destes sujeitos, enquanto agentes portadores de necessidades/sentimentos e que por meio de suas ações vão delineando a sua existência social, enquanto classes não hegemônicas ¹

É preciso dizer que, mais do que assinalar um modelo dogmático, esta perspectiva tem conduzido a uma complexa discussão em torno dos procedimentos teóricos – metodológicos, em meio aos quais localizamos a produção de narrativas orais, enquanto fontes para investigação histórica. Seguindo a tradição do materialismo histórico-cultural temos procurado, por meio da produção de entrevistas com trabalhadores, dialogar com as evidências de todo um processo histórico de constituição da sociedade capitalista. Compreender o fazer-se destes agentes neste processo refletindo sobre o que E. P. Thompson analisou como o Termo Ausente, isto é: a cultura e experiência social, demarcada pelas pressões e limites que, trabalhadores - homens e mulheres – experimentam enquanto classe socialmente constituída neste processo. (Thompson,1981:182).

Assim, ainda segundo este autor, procuramos refletir a cultura e experiência de trabalhadores como “*pontos de junção de outra natureza*”, isto é, combatendo uma concepção estruturalista, que prioriza a existência das classes pelo viés economicista, mecanicista e ou dicotômico, ou, ainda, pelas premissas idealistas que tratam de “localizar” a cultura - “a visão de mundo”, ou a “mentalidade” - destes agentes como expressão de uma superestrutura, retirando da história, ou melhor, do processo histórico, não só a presença dos

¹ Tais perspectivas têm orientado a discussão e o desenvolvimento de projetos no Núcleo de Estudos e Pesquisa em História, Cidade e Trabalho. Sobre esses projetos e as produções historiográficas ver: Calvo, Célia Rocha (et.al) Trabalho e Movimentos Sociais: Histórias, memórias e produção historiográfica. In: CARDOSO, Heloisa H. Pacheco; MACHADO, Maria Clara T. (org.) **História: narrativas plurais, múltiplas linguagens**. Uberlândia. Edufu. UFU. 2005.

mesmos, mas interpretando suas ações/valores como “reflexo da base material”, isto é, da “cultura dominante”, como a “reprodução e representação” das idéias, dos discursos e práticas produzidas pela classe dominante.

Segundo Thompson os *nexos entre dominação e subordinação/insubordinação* devem ser compreendidos nas ações/evidências criadas pelos próprios agentes, nos registros da suas culturas, isto é, nos modos de viver, de criar significados, afetivos, morais como dimensão histórica desta relação de classe, no viver as contradições, os limites e as pressões de um processo social e cultural, no qual subordinaram-se ou não, impressos da mais variadas formas. No termo ausente: cultura e experiência:

“os homens e mulheres também retornam como sujeitos dentro deste termo – não como sujeitos autônomos, indivíduos livres, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e sua cultura (as duas outras expressões excluídas da prática teórica) das mais complexas maneiras (sim, relativamente autônomas) e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez sobre sua situação determinada. (Thompson, 1981: P.182)

Nesse sentido refletir sobre *essas experiências tratadas na consciência* e, portanto, *na sua cultura* não significa investigar essa cultura de modo isolado, dicotômico ou tipificado, em torno de conceitos que congelam a sua vitalidade crítica e histórica. Isto para não incorreremos no risco de congelar e/ou folclorizar as ações de “homens e mulheres” que não se sentiam mortos ou simplesmente “vencidos”, quando viveram as relações de dominação. Eles estavam vivos e de maneiras mais complexas criaram nesse processo social de lutas, de contradições, a consciência de sua existência, explicitada no modo de viver no campo e cidade, na família, na escola, na igreja, nas normas reguladas pela moral, pelos costumes e tradições, enfim, em suas culturas constituídas nas práticas ordinárias de viver e de lutar. (Thompson, 1981: p 182 e Williams, 1979: p. 19-26).

Neste ponto compreendemos que quando realizamos entrevistas com trabalhadores estamos refletindo esta cultura em suas propriedades históricas, isto é, como dimensão constitutiva de suas falas, quando expressam as suas autorias nos enredos que constroem juntamente com o pesquisador. Assim para o entrevistado, a disposição em falar, em aceitar dialogar pode significar mais do que um ato de comunicar ou de informar o que já está “dado” como matéria, isto é, como vida material ou como um “fato” (Portelli,1999). Assim, para os entrevistados, aceitar conversar sobre um tema referente à vida social, fazendo portando dos seus referentes culturais, isto é, “da sua vida, história e memória” o elemento articulador do enredo, significa querer dialogar socialmente sobre os elementos significativos de suas

culturas - o modo como pensa e articula em sua consciência -, os significados importantes da memória e, sobretudo, como “materializa” esses sentidos em sentimentos, em regras, em normas morais e afetivas, em seus viveres, isto é, nos “territórios” destas experiências sociais.

Essas questões apareceram como desafios nos anos 90 quando realizei entrevistas com trabalhadores da cidade de Uberlândia-MG. As entrevistas foram realizadas nos anos de 1995 a 1998, nas praças centrais da cidade, nos eventos comemorativos e nas residências de alguns entrevistados. No início o critério era apenas firmado no uso que alguns sujeitos faziam dos espaços centrais da cidade, quer como ponto de trabalho, quer como lugar de lazer. Recebendo indicações desses procurei por outros, com a idade acima de quarenta anos e que tinham nascido ou vindo para a cidade nos anos quarenta. No diálogo com eles e no processo de análise interessava mapear os espaços públicos nos seus referentes culturais, refletindo a maneira como esses sujeitos imprimiam naqueles espaços os sentimentos de pertença social e, com isso os transformavam em territórios de suas vivências sociais.

Em minhas escolhas teóricas e metodológicas procurava problematizar a maneira como uma “certa” memória, instituída nos circuitos da produção e difusão dos poderes dominantes, ocultava, silenciava, reprimia o direito daqueles trabalhadores a memória e, portanto, à história da cidade. (Calvo, 2001)

De modo geral esses trabalhadores não “confrontavam diretamente” às versões cristalizadas e dominantes. Seus depoimentos me levavam a conhecer a cidade, nas relações referenciadas na vida doméstica e do trabalho. Os temas relacionados a esse viver apareciam quando se referiam às histórias de família, dos pais, a infância, o casamento e os filhos, carregados dos valores/sentimentos morais e afetivos: “o respeito aos mais velhos”, educação herdada na família, as dificuldades “vencidas”, diante das carências materiais; a escola, nas experiências com o letramento - a lembrança dos professores (as) e suas práticas em sala de aula, professores severos”, “mas que ensinavam bem” - ; a participação nos eventos cívicos – as festividades nos dias de aniversário da cidade, da comemoração da independência da pátria e da proclamação da República, lembrados como grandes eventos e carregados pelo sentimento de orgulho. As lembranças sobre essas relações vividas na escola, sobretudo os atos de aprender a ler e escrever, eram articuladas aos sentimentos do presente, mediados pelas expectativas frustradas de não “terem seguido com os estudos”, mas que eram depositados nas relações com os filhos, de quererem vê-los formados. Para os que saíam do campo, ou de cidades menores da região, a principal razão era a de “dar estudos para os filhos”.

Nestes enredos, os temas do trabalho, sobretudo, para os homens, traziam as referências não da “produção” e sim dos espaços constituídos nas relações de trabalho. Para os trabalhadores em “serviços”, as ruas, próximos à estação ferroviária, as entradas e saídas da cidade, eram vistas nas inscrições dos seus atos de trabalhar: o trânsito de caminhões e carroças, o carregamento das mercadorias, que vinham de outras cidades da região, dentre outras, compunham as referências culturais atribuídas aos espaços. Para os que trabalharam nas fábricas, frigoríficos, e na ferrovia – espaços nos quais o processo de trabalho é organizado por uma rígida hierarquia - as lembranças eram sobre as relações autoritárias dos chefes, os acidentes de trabalho, as dificuldades como também o prazer e orgulho, por terem participado das greves de suas categorias, das organizações sindicais e partidárias – os militantes do PCB e do PTB.

Nestes enredos, articulam-se os sentimentos de pertencer à cidade, nos diferentes tempos de suas memórias com as vivências nos espaços que não eram o da família e do trabalho. O ir e vir da igreja para casa, os *footing* na praça central, os atos de participar organizando os festejos ligados as práticas religiosas - folia de reis, festa de Nossa Senhora do Rosário. O ir e vir ao cinema, aos “shows dos cantores populares na rádio”, os encontros marcados no pátio da estação ferroviária, a partir dos horários dos trens, articulavam-se aos sentidos atribuídos ao “divertimento” isto é, a maneira como organizavam o tempo livre nos espaços públicos da cidade.

Nesses enredos as diferenças entre os viveres da cidade eram firmados na materialidade, isto é, numa ordenação em que os espaços centrais e públicos eram vividos de acordo com os seus modos de vida, sua cultura. Por isso, quando inscrevem nestes espaços os sentidos deste viver também relatam sobre as mudanças ocorridas, sobretudo, a partir década de setenta, que aparece como um marco das transformações da cidade dos seus modos de vivê-la. Essas mudanças eram interpretadas como “inevitável”, pois a cidade “tinha que progredir”. Refletindo atentamente sobre esse marco pude perceber que o que havia mudado eram os códigos de seus reconhecimentos nos espaços transformados pela intervenção urbana. O alargamento de ruas em avenidas, a construção de vias para o fluxo contínuo dos automóveis, o desmonte do complexo ferroviário e, com ele, a retirada do pátio da estação, é compreendido nos referenciais culturais destes agentes como uma desconfiguração do centro e também do modo que viviam a cidade. Assim, o que estavam também trazendo à tona eram os sentidos das mudanças entrelaçados em suas culturas.

Os projetos defendidos nos “supostos iluministas” da cidade moderna, auto-suficiente e regulada pelas regras do mercado capitalista, desdobrados, nos anos noventa, com a

construção dos *shoppings centers* e condomínios fechados operam com a privatização dos espaços públicos da cidade. (Sarlo, 2004 p: 47-85)

Em suas ações e, portanto, em suas “consciências morais e afetivas” me diziam sobre os códigos que regulavam esse viver público articulado ao modo como constituíam e organizavam esta vida de acordo com as suas condições, necessidades, em suas experiências sociais. (Thompson, 1981)

O que é produzido, enquanto narrativa oral, faz-se num circuito de interlocução que, pode ser pensado para além dos limites “pessoais” da entrevista e, ao mesmo tempo, vinculado a este campo de relação entre o pesquisador e o entrevistado, no qual o enredo é construído. Isto para dizer que as narrativas não “traduzem” a realidade interpretada pelos entrevistados, de modo externo e desarticulado de suas culturas. Suas falas apresentam-se como atos de intervenção nesta realidade. No diálogo, eles trazem e, também selecionam os elementos com os quais compõem seus enredos e por meio deles vão explicitando, em forma de linguagem seus modos de viver e de lutar diante das determinações, dos limites e das pressões vividos na dinâmica da luta de classes. Assim o que é dito não representa um “reflexo” imediato do que é vivido. O que é dito é constituído como um processo ativo, enquanto produção de memória, linguagem articulada aos elementos de suas culturas produzidas na dinâmica das lutas diárias, do viver a desigualdade e a expropriação de seus modos de vida. (Williams, 1979 p.27). As falas, as narrativas orais são constitutivas desta realidade social, porque intervêm nela, não de modo a “desmistificá-la” e, sim, no sentido de disputá-la em meio à correlação das forças hegemônicas, no campo contraditório no qual essas relações forjaram historicamente a sociedade capitalista.

“Hegemonia é então não apenas o nível articulado superior de ‘ideologia’, nem são as suas formas de controle apenas vistas habitualmente como ‘manipulação’ ou ‘doutrinação’”. E todo um conjunto de práticas e expectativas sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema vivido de significados e valores – constitutivo e constituidor – que ao serem experimentados como práticas ,parecem confirmar-se reciprocamente. Constitui assim um senso de realidade absoluta, porque experimentada ,e além da qual é muito difícil para maioria dos membros da sociedade movimentar-se, na maioria das áreas de sua vida. Em outras palavras, é no mais forte uma “cultura”, mas uma cultura que tem também de ser considerada como domínio e subordinação vividos de determinadas classes.”(Williams,1979:p.111-117)

Assim refletir com essas fontes implica investigar historicamente o modo como os trabalhadores produzem suas memórias e histórias compreendendo estas produções como atos de criação, de significação de suas culturas “*também considerada como domínio e*

subordinação”. Nesse sentido as narrativas orais são produzidas não de modo voluntário/espontâneo, mas mediadas pelas perguntas, roteiros, problemáticas sempre carregadas pelos supostos teóricos, políticos que orientam a prática e o trabalho de pesquisa e da produção delas em fontes históricas. Dito de outra maneira, o entrevistador e o entrevistado constroem a partir de suas bagagens culturais, de seus posicionamentos teóricos e políticos, a narrativa oral enquanto fonte de investigação histórica. (Khoury, 2004:116).

Situando-se no presente tanto um como o outro são atravessados pelos circuitos de poderes que ordenam a vida social. Esse “atravessamento” evidencia-se na seleção daquilo que ambos fazem do passado, nos “conceitos” que emergem neste diálogo, enquanto problemas vividos nas relações do dia a dia, bem como nas atitudes que demonstram em relação às mudanças da vida social/material. Assim ao selecionar os “roteiros” da entrevista, ao contatar o entrevistado, ao marcar uma entrevista, ao expor os porquês da sua pesquisa, nós pesquisadores, nos colocamos em movimento reflexivo, juntamente com os nossos entrevistados. Assim com este trabalho de reflexão com fontes orais, estamos fazendo uma opção não por uma “nova fonte”, mas pelo diálogo com agentes sociais, cujas histórias foram sendo ocultadas nos processos e circuitos de produção das memórias hegemônicas.

Por isso os procedimentos teóricos – metodológicos devem ser explicitados no trabalho de reflexão do historiador, atribuindo às falas dos entrevistados suas respectivas autorias. (Cruz, et al. 2006: 19) Por um lado é a uma conduta ética, uma vez que a entrevista é construída no diálogo, isto é, no modo como cada um se coloca neste movimento de reflexão e, por outro, expressa um posicionamento político no interior do debate historiográfico, pois ancora os sentidos que atribuímos a própria história e memória como instrumento de luta e de intervenção no social. (Fenelon, 2005).

Bibliografia

ARANTES, Antônio. *Paisagens Paulistas: Transformação do espaço público*. Campinas, Editora da Unicamp, 1999.

CALVO, Célia Rocha. *Muitas Memórias e Histórias de uma Cidade: Experiências e Lembranças de Viveres Urbanos em Uberlândia (1938-1990)*. Tese de Doutorado em História. PPGH/PUC-SP, 2001.

_____. et.al. *Trabalho e Movimentos Sociais: Histórias, memórias e produção historiográfica*. In História: narrativas plurais, múltiplas linguagens. Org. Heloisa Helena Achecho Cardoso e Maria Clara Tomáz Machado. Uberlândia. Edufu. UFU. 2005.

_____. *Uma Praça, numa cidade: patrimônio histórico e cidadania cultural*. In: MACIEL, Laura A.; ALMEIDA, Paulo R.; KHOURY, Iara Aun (Org.). *Outras Histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d'água, 2006; p.61-75.

Cruz, Heloisa Farias et.al. *Outras Histórias: Memórias e Linguagens*. Org. Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida e Yara Aun Khoury. São Paulo. Olhodágua.2006.

FENELON, Déa Ribeiro e outros. *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo, Olho D'Água, 2005.

_____. *Cultura e História Social*. In: Revista Projeto História do programa de Estudos Pós Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP. São Paulo: EDUC, nº10, 1993.

_____. *O historiador e a cultura Popular: história de classe ou história do povo?*. In: História & Perspectiva. Universidade Federal de Uberlândia, nº6, 1992.

_____. *Políticas Culturais e patrimônio Histórico*. In: Direito à Memória. São Paulo: Departamento de Patrimônio Histórico, Sec. Mun. De Cultura, Prefeitura Municipal de São Paulo,1992.

_____. *Trabalho, cultura e história social: perspectivas de investigação*. In: Revista Projeto História do Programa de Estudos Pós Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP. São Paulo: EDCU, nº 4, jun/1985.

HALL, Stuart – Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais. Org. Liv Sovik. Tradução Adelaide La Guardiã Resende..et al. Belo Horizonte:Editora da UFMG; Brasília-Unesco, 2003.

HOGGART, Richard – As Utilizações da Cultura 1. Aspectos da Vida Culturais da Classe Trabalhadora, com Especiais Referencias a Publicações e Divertimentos. Lisboa. Editorial Presença, 1973.

KHOURY, Yara Aun. *Narrativas orais na investigação da História Social*. In: Projeto História: História e Oralidade. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História, PUC/SP, nº 22, junho de 2001.

_____. *Muitas Memórias, outras histórias: Cultura e o sujeito na história*. In: Muitas Memórias, outras histórias. In: FENELON, Déa (Org.). São Paulo. Olho D'Água, 2005.

PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. In: Tempo: Revista do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Vol. 1-nº 2, dezembro de 1996. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

_____. *O momento da minha vida: funções do tempo na História Oral*. In: FENELON, Déa R. e outros. *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo, Olho D'Água, 2005.

SARLO,Beatriz – *Tempo Presente.Notas sobre a mudança de uma cultura*. Tradução Carlos Cabral. Rio de Janeiro.2004.

SARLO, Beatriz. *Paisagens Imaginárias*, São Paulo: EDUSP, 1997.

SARLO, Beatriz. *Cenas da Vida Pós Moderna.. Intelectuais,Arte e Vídeo Cultura na Argentina*, Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

THOMPSON,E.P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *A Miséria da Teoria: ou um planetário de Erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. *COSTUMES EM COMUM. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras,1998

WILLIANS,Raymond. *Marxismo e Literatura*. São Paulo:Zahar Editores. 1979.

_____. *O Campo e a Cidade na História e na Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.